

O DESPERTAMENTO – DIVERSIDADE E PERFIL DE UM MOVIMENTO IMPORTANTE DO CRISTIANISMO EVANGÉLICO*

Rolf Hille**

I. DIFUSÃO E EFEITOS HISTÓRICOS DO MOVIMENTO DE DESPERTAMENTO¹

O historiador Martin Brecht, ao retornar, em determinada ocasião, de um encontro da “Sociedade de Pesquisa do Pietismo” (*Gesellschaft zur Erforschung des Pietismus*) para a sua turma de seminário na Universidade de Tübingen, mostrou-se muito surpreso e consternado acerca da opinião de alguns de seus colegas de área: “O Pietismo é para eles uma questão histórica encerrada, do séc. XVIII. Provavelmente, para eles não está claro que o

* Fonte: Hartmut Schmid (Ed.): Was will der Pietismus? (e) R. Brockhaus Verlag, Wuppertal 2002.

** Rolf Hille (Dr.) é Reitor do “Albrecht-Bengel-Haus”, uma instituição evangélico-pietista criada para acompanhar estudantes de teologia em seus estudos universitários, na cidade de Tübingen, na Alemanha. O presente texto foi traduzido do alemão por Claus Schwambach, tendo como título original: *Die Erweckung – Vielfalt und theologisches Profil einer bedeutenden Bewegung in der evangelischen Christenheit*, in: Hartmut Schmid (Ed.) Was will der Pietismus? Historische Beobachtungen und aktuelle Herausforderungen. Beiträge aus dem Albrecht-Bengel-Haus, Tübingen. Wuppertal: R. Brockhaus Verlag 2002, p. 89-126.

¹ N.T.: Utilizamos aqui a expressão “Movimento de Despertamento” como tradução da expressão alemã “Erweckungsbewegung”. Também poderíamos traduzir este mesmo termo com a expressão “Movimento de Avivamento” ou, em alguns momentos, até “Reavivamento”. Contudo, o termo português “despertamento” corresponde de forma mais exata ao sentido da palavra alemã “Erweckung”. Ainda assim, em determinados contextos, também faremos uso de expressões como “Avivamento” ou, apenas, “Despertamento”, para designar este mesmo movimento. Deve-se observar que, mesmo utilizado no singular, o designativo “Movimento de Despertamento” inclui, não raras vezes, uma série de movimentos históricos, simultâneos em diferentes lugares geográficos. Nesse sentido, “Movimento de Despertamento” poderia, inclusive, ser compreendido, em muitos casos, quase como conceito sintético coletivo.

Pietismo representa, até o momento presente, uma das forças vitais e fundamentais da vida eclesialística”.²

Só podemos concordar com a avaliação do pesquisador do Pietismo, Martin Brecht.³ Uma linha intensa e contínua de piedade e teologia pietista estende-se na história, partindo do Pietismo barroco clássico do séc. XVIII, passando pelos Movimentos de Avivamento do séc. XIX e o Movimento de Comunhão⁴, na virada do século e abrangendo, por fim, o Evangelicalismo do séc. XX e início do séc. XXI. No âmbito desse movimento historicamente poderoso em sua totalidade, as diferentes derrocadas em direção ao avivamento nas igrejas da Europa e da América do Norte ocupam uma posição-chave, pois nelas as forças originais do Pietismo foram unidas e seus intentos foram reformulados sob condicionamentos teológicos e relativos à história do pensamento humano fortemente modificados. O Movimento de Despertamento preparou, por sua vez, o terreno para o Evangelicalismo do

² O autor desta contribuição esteve presente como estudante no referido grupo de seminário por ocasião destas palavras.

³ Extremamente interessante é, neste contexto, uma discussão realizada entre Johannes Wallmann (igualmente historiador da igreja e pesquisador do Pietismo) e Martin Brecht. Trata-se de uma discussão sobre a viabilidade ou não de uma ampliação do conceito “Pietismo”, uma vez em sentido temporal, de modo que este se estenda para dentro dos séc. XIX e XX, e outra vez em sentido geográfico e confessional, de modo que este se estenda muito além das fronteiras do âmbito de fala germânica. Em um artigo, Wallmann relata sobre a problemática do conceito “Pietismo” a partir da perspectiva de um historiador da igreja e apresenta como resultado que seria adequado limitar a época do Pietismo para o período do séc. XVII e XVIII (Johannes WALLMANN. Art. “Pietismus” mit Gänsefüßchen, in: ThR 66 [2001], p. 462-480). No presente artigo, que faz parte de uma edição especial do Albrecht-Bengel-Haus, uma instituição fortemente marcada pelo Pietismo de Württemberg (Alemanha), optamos conscientemente por uma perspectiva tipológica em nossa avaliação do fenômeno, de modo que vislumbramos neste um movimento que existe até os dias de hoje. E isto vale a despeito das múltiplas mutações que a herança pietista experimentou, mutações estas não por último condicionadas pelas profundas mudanças do quadro de situações históricas dos últimos dois séculos. O presente estudo não parte tanto de questionamentos historiográficos, mas antes de questionamentos de cunho histórico-sistemático e prático-teológico. Neste intuito, ele tenta apontar para o fato de que o Pietismo, em sua bagagem de espiritualidade, em sua teologia bíblica e em seus enfoques escatológicos, como também evangélicos e social-diaconais permaneceu sendo um movimento relevante e atual dentro das igrejas evangélicas até o séc. XXI.

⁴ O Movimento de Comunhão (*Gemeinschaftsbewegung*), da forma como este se encontra representado na Confederação de Gnadau (*Gnadauer Verband*), existe naturalmente até hoje como uma grandeza organizacional do Pietismo alemão. Em diferença para com o período de surgimento do Pietismo Comunitário (*Gemeinschaftspietismus*), lá pela virada do séc. XIX para o séc. XX, a Confederação de Gnadau entede-se hoje como um segmento importante dentro do Evangelicalismo alemão, tal qual este se apresenta, em especial, pela Aliança Evangélica Alemã (*Deutsche Evangelische Allianz*). Esta última se vê, por sua vez, como estando inserida no conglomerado multifacetado do movimento evangelical internacional.

presente, em seus impactos internacionais. Os múltiplos grupos evangélicos, igrejas livres, confederações e obras missionárias, com suas iniciativas evangelísticas e diaconais, não seriam imagináveis se não tivesse ocorrido uma influência sobre a profunda forma de conceber a piedade e o arrependimento por parte do Movimento de Despertamento do séc. XIX e dos primórdios do séc. XX.

Na literatura científica da área da história da igreja, encontramos como *common sense* a opinião de que a totalidade do fenômeno “Movimento de Despertamento”, em diferença para com o Pietismo clássico, até agora não foi pesquisada cientificamente e nem apresentada ainda de forma ampla. Se já o Pietismo, em seus primórdios, mostra-se como algo muito diversificado devido às diferentes personalidades de seus fundadores, então isso vale de modo ainda mais intenso em relação aos diversos avivamentos no séc. XIX.

Pelo fato de o Movimento de Despertamento ser uma aparição internacional extremamente multifacetada e que atinge e ajudou a cunhar mundialmente o Protestantismo, de forma decisiva, não é possível querer descrever a totalidade desse fenômeno, nem mesmo em seus traços básicos, dentro do quadro limitado deste breve estudo. Nesta primeira parte, procuraremos, com base no Movimento de Despertamento alemão, mostrar de modo paradigmático quão vital e espontaneamente avivamentos despontaram nos diversos estados da Alemanha. A exposição limita-se conscientemente a aspectos específicos do avivamento, em alguns âmbitos eclesiásticos relevantes, a fim de que a diversidade do Movimento possa ser esboçada.

1. Despertamentos nos pequenos estados alemães⁵

O fenômeno “despertamento” ou “avivamento” se apresenta, já levando em consideração somente o território alemão, como algo que era extremamente diversificado, de acordo com a região e o cunho confessional que o antecedeu: no Baixo Reno (*Niederrhein*), que havia permanecido praticamente intocado pelo Iluminismo, atuaram os irmãos Friedrich Adolf (1768-1845) e, principalmente, Gottfried Daniel Krummacher (1774-1837). Em conjunto com Gerhard Tersteegen (1697-1769), que era muito profundo no cultivo da vida interior, e com Hermann Friedrich Kohlbrügge (1803-1875),

eles influenciaram o avivamento daquela região, e isso a partir do fundamento da confissão reformada, com sua doutrina da predestinação rígida e do empenho por uma ordem eclesiástica presbiteriana sinodal. Num momento posterior, eles enfatizaram a região de Wuppertal, na qual atuaram através da criação de uma variedade de modalidades – algumas delas realmente incomuns – de grupos de comunhão em âmbitos de igrejas e de igrejas livres. A partir de lá, o avivamento se expandiu em direção a Bremen, onde o Pastor e teólogo Menken (1768-1831) foi a figura principal do avivamento.

Em Minden-Ravensberg, entre Minden e Bielefeld, atuou Johann Heinrich Volkening (1796-1877), que marcou profundamente a vida espiritual naquela região por meio de suas importantes festas missionárias. Esse avivamento, que era mais orientado pela tradição Luterana, teve uma atuação que cobriu amplamente a região e se estendeu por várias gerações. Ao lado de diferentes formas de edificar comunidades por meio do trabalho com homens, mulheres e jovens, também os corais de igreja e de trombones tiveram um papel importante. A essas iniciativas unem-se outras, como a fundação da Sociedade Missionária do Reno (*Rheinische Missionsgesellschaft*), em Barmen, do Ginásio Evangélico em Gütersloh, bem como de diversas entidades diaconais em Bethel, Schwicheln, Wittekindshof e outras, incluindo, finalmente, também a Sociedade Bíblica de Minden.

Enquanto na maioria das áreas de avivamento pastores da Igreja Evangélica constituída (*Volkskirche*) determinassem, de forma decisiva, o desenvolvimento por meio de suas atividades como pregadores, na região do Siegerland foram especialmente os leigos, tais como Tillmann Siebel (1804-1875) e outros, que tiveram atuação determinante. Para tal, eles desenvolveram uma vida em comunhão avivada mediante a criação da “União de pregadores viajantes” (*Verein für Reiseprediger*), que mantiveram, apesar da oposição dos pastores da região.

Em Berlim, os círculos avivados, parcialmente influenciados pelo Romantismo, foram fomentados por mais de duas décadas por Friedrich Wilhelm IV, de modo a alcançarem influência político (-eclesiástica) na Prússia. No contexto de Berlim, o Barão Hans-Ernst von Kottwitz (1757-1843) é digno de especial menção, tendo-se ocupado intensivamente com o sustento de pessoas carentes. Ele teve profunda influência tanto sobre os pastores de lá quanto sobre August Tholuck (1799-1877) e August Neander (1789-1850), que foram teólogos importantes do Movimento de Despertamento.

Muitas pessoas nobres, que haviam sido despertadas em Berlim, voltaram para sua pátria na Pomerânia e levaram o impulso do avivamento até lá. Dessa forma, Adolf von Thadden (1796-1882) promoveu, em sua fazenda

⁵ Encontramos uma boa visão panorâmica da história do Movimento de Despertamento na Alemanha nas seguintes obras: E. BEYREUTHER. *Die Erweckungsbewegungen*, in: K. D. Schmidt: E. Wolf (Eds.). *Die Kirche in ihrer Geschichte. Ein Handbuch. Vol. 4.* Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1977; Gerhard RUHBACH. *Art. Erweckungsbewegung*, in: Helmuth Burkhardt e Uwe Swarat (Eds.). *Evangelisches Lexikon für Theologie und Gemeinde. Vol. 1.* Wuppertal 1992, p. 531-536.

“Trieglaff”, desde 1829, as “Conferências de Trieglaff”, as quais se tomaram um centro espiritual para pastores e membros de comunidades; impressionado por estas conferências, Otto von Bismarck passou, em 1847, por uma profunda mudança, passando a viver a fé cristã.

Através da atuação de pessoas de Salzburg, abrigadas por Friedrich Wilhelm I, e mensageiros de diáspora do Movimento de Herrnhut, surgiu na região da Prússia Oriental um grupo regional de pessoas marcadas pelo avivamento. Sob o ponto de vista estrutural, pode-se afirmar que, nas províncias da Saxônia, da Turíngia, de Brandenburgo e do Reinado da Saxônia, apenas em casos esporádicos o avivamento teve uma abrangência muito limitada. Algumas pessoas que faziam parte do avivamento na região da Saxônia migraram, por motivos religiosos, aos Estados Unidos, fundando lá o Sínodo de Missouri, que é de rígida confessionalidade luterana.

Na Baixa Saxônia, o pregador avivalista, Ludwig Harms (1808-1865), fundou em 1849, na região da Lüneburger Heide, a Missão de Hermansburg, como fruto do avivamento provocado também por ele. Essa entidade foi mantida principalmente por agricultores que foram atingidos pelo chamado “avivamento de Hermansburg”. Apenas décadas mais tarde, essa entidade missionária recebeu apoio oficial da Igreja Territorial da atual Baixa Saxônia. Principalmente a partir das experiências que fazia no trabalho missionário, Harms dedicou-se intensivamente em prol dos direitos dos negros das áreas de colonização, esperando pela superação do colonialismo europeu. Da mesma forma, um dos mantenedores do avivamento de Hannover, Ludwig Adolf Petri (1803-1873), empenhou-se intensivamente contra o comércio de escravos negros de procedência africana. Outro dos representantes do avivamento de Hannover foi o Superintendente K. J. Philipp Spitta, cuja atuação se deu por meio de seu hinário “Psalter und Harfe” (“Saltério e Harpa”), que acabou sendo amplamente divulgado como livro de edificação espiritual. Alguns de seus hinos se encontram até os dias de hoje em hinários alemães.

Em Schleswig-Holstein, o mais importante pregador do avivamento foi Claus Harms (1778-1875). Ele provocou, no ano de 1817, uma intensa discussão com o Racionalismo, com as suas 95 teses, as quais acrescentou a uma cópia das 95 teses de Lutero. August Twesten (1789-1876), que se tornou um dos substitutos de Schleiermacher, em Berlim, conseguiu reprimir a influência do Racionalismo na Universidade de Kiel. Dizia-se: “Twesten converte os seus ouvintes, e Harms os batiza”.

Em Baden (Sul da Alemanha), o Movimento de Despertamento ganhou um perfil bem especial. Lá surgiram círculos de pessoas avivadas na Igreja Católica que se encontrava em torno de Johann Michael Sailer (1751-

1832), que mais tarde tornou-se Bispo de Regensburg. Tais círculos católicos tiveram influências fortes na Igreja Territorial Evangélica do local. Sailer defendia a comunhão ecumênica dos avivados irmãos e irmãs em Cristo, bem como uma compreensão bíblica da justificação e da experiência com Cristo: “Os protestantes são, como cristãos, nossos irmãos, como protestantes, nossa pedra de afiar (*Wetzstein*), como pessoas, filhos de um único Deus”.⁶ Muitos protestantes visitavam Sailer na Baviera e na Áustria; alguns pregadores avivalistas, que mais tarde se tornaram influentes, como Johann Evangelista Gossner (1773-1858) e Aloysius Henhöfer (1789-1862), passaram para a igreja evangélica. Antes disso, o último mencionado provocou um avivamento em seu vilarejo católico, localizado em Würmtal, junto à cidade de Pforzheim, o qual se expandiu muito rapidamente. Henhöfer tornou-se o *spiritus rector* deste avivamento. Sob sua direção, os participantes do avivamento, aliados com alguns teólogos neo-ortodoxos, travaram uma batalha acirrada contra o Racionalismo. Através desse grupo, os conservadores, após o fracasso da Revolução de 1848/49, obtiveram a vitória no território de Baden. Desde 1803, Heinrich Jung-Stilling, o “Patriarca do avivamento do sul da Alemanha”, fixou moradia na cidade de Karlsruhe e exerceu inegável influência como escritor de obras de edificação.

Historicamente falando, porém, o Movimento de Despertamento lançou o pé, primeiramente e de forma duradoura, na igreja da região de Franken. Partindo das cidades de Nürnberg e Erlangen, ela havia penetrado por toda a região da Igreja Territorial da Baviera. O negociante de Nürnberg, Johann Tobias Kiessling (1742-1824), foi um de seus personagens de maior destaque. Como membro da Sociedade Bíblica de Nürnberg, Kiessling, conhecido como “o Bispo secreto dos austríacos evangélicos, com fantasia de negociante”, contrabandeou Bíblias para a Áustria em inúmeras viagens, além de acolher, abaixo de imenso esforço pessoal, os protestantes da diáspora austríaca. Em Erlangen, os avivados reuniam-se em torno do professor de teologia reformada e pastor, Christian Krafft (1784-1845), que era originário da região do Reno e, em sua comunidade especial, concedia acesso à ceia apenas a pessoas de tradição reformada. De muito maior importância na Baviera, mostrou-se, porém, a formação de um luteranismo ecumênico, tal qual este era defendido por Wilhelm Löhe (1808-1872) em sua obra “Drei Bücher von der Kirche” (“Três Livros sobre a Igreja”).

De todas as Igrejas Territoriais da Alemanha, foi a igreja evangélica em Württemberg aquela que foi cunhada de modo mais abrangente e dura-

⁶ Citado em Gerhard RUHBACH, op. cit., p. 534.

douro, primeiro pelo Pietismo, depois pelo Movimento de Despertamento e pelo Evangelicalismo. Pelo fato de haver ocorrido já muito cedo a tolerância, sim, a promoção do Pietismo por meio do chamado “Pietistenreskript”, de 1743, o Pietismo e o Avivamento puderam desenvolver-se livremente em Württemberg, entre agricultores e operários, bem como crescentemente também entre os mercadores e pequenos fabricantes que moravam nas cidades. Podemos registrar uma corrente de tradição que parte do aluno de Johann Albrecht Bengel, Magnus Friedrich Roos (1727-1803), passando pelos fundadores de grupos de comunhão Christian Gottlob Pregitzer (1751-1824) e Johann Michael Hahn (1758-1819), e indo até a fundação de uma colônia livre em Korntal (1819), em Wilhelmsdorf (1824) e em Königsfeld (1806). Nesses centros, surgiu um campo de atuação para o amplo trabalho diacônico e pedagógico dos avivados. O rompante decisivo do avivamento em Württemberg ocorreu, contudo, por intermédio do pastor Ludwig Hofacker (1798-1828). Ao seu lado, aparece Albert Knapp (1798-1864), o “martelo espiritual do séc. XIX”. A luta contra o liberalismo de Hegel foi realizada conjuntamente por Wilhelm Hofacker (1808-1848) e, principalmente, o membro da câmara de Stuttgart, o Prelado Sixtus Karl Kapff (1805-1879), que devido à sua influência real, de fato se tornou o Bispo da Igreja Territorial local. Kapff promoveu, com insistência, a Missão Interna, a Aliança Evangélica, a “Sociedade do Cristianismo” (*Christentumsgesellschaft*), bem como a Missão da Basileia. Por fim, destaque-se Johann Christoph Blumhardt (1805-1880), que, influenciado pela tradição de Johann A. Bengel e de Oetinger, tornou-se, primeiramente em Möttlingen e depois em Bad Boll, no teólogo do Reino de Deus e da esperança.

2. Movimentos de Despertamento no restante do continente europeu e no âmbito anglo-saxônico

O avivamento em âmbito internacional também se apresenta multifacetado e complexo como o avivamento no âmbito dos pequenos estados alemães. Em razão do espaço disponível, podemos mencionar apenas de forma breve os Movimentos de Avivamento nos demais países. Por exemplo, se comparamos o movimento de piedade nos diversos âmbitos da Igreja Luterana da Noruega e da Finlândia com aquilo que percebemos no âmbito reformado em Genebra, nos Países Baixos e na Suíça, então concluímos que existem, sem dúvida alguma, formas de aparição muito diferenciadas e diversificadas de vida avivada e de teologia avivalista.

Um Movimento de Despertamento imensamente influente e difundido internacionalmente se desenvolveu a partir do Puritanismo e do Metodismo

da Grã-Bretanha. Ele se mostrou como um movimento historicamente poderoso através da primeira e da segunda “Great Awakening” nos Estados Unidos, a partir das quais ele ajudou a determinar o Evangelicalismo mundial até o momento presente, de forma bem decisiva.

O Movimento de Despertamento deve sua profusão e sua durabilidade gerais, não por último, aos grandes esforços da Missão Externa protestante, que se desenvolveu basicamente a partir de círculos avivados, tendo sido marcada e mantida por estes. Essa iniciativa missionária conduziu à fundação de igrejas jovens de grande vitalidade na África e na Ásia, que representam hoje, em termos numéricos, a maior porção da cristandade mundial evangélica. O fato de estas igrejas autônomas da África e da Ásia carregarem a herança do Movimento de Despertamento em si, bem como o fato de serem transpassadas pela piedade e pela teologia do Movimento de Despertamento, representa um fator de altíssima relevância ecumênica. O Movimento Evangelical conseguiu alcançar, por fim, por intermédio do primeiro congresso internacional para a evangelização mundial, ocorrido em Lausanne, no ano de 1974, uma consciência de sua amplitude ecumênica e também de sua coesão em termos de conteúdo. Sob o ponto de vista organizacional, o Movimento Evangelical é integrado e representado atualmente, em grande medida, pela “World Evangelical Alliance” (a Aliança Evangélica Mundial).

II. CARACTERÍSTICAS TEOLÓGICAS E DE PIEDADE ESPECÍFICAS DO MOVIMENTO DE DESPERTAMENTO

Em todas as suas insistências fundamentais, o Movimento de Despertamento retoma o Pietismo clássico e o desenvolve adiante dentro da conjuntura de situações históricas, sociais e relativas à história do pensamento humano do séc. XIX.

Enfatizava-se, tanto no Pietismo quanto no Movimento de Despertamento, a necessidade de conversão e novo nascimento individual, bem como a santificação da vida e o seguimento a Cristo que daí decorriam. Importante tanto para a piedade Pietista quanto para a do Movimento de Despertamento foi o aprofundamento da fé por meio do estudo intensivo das Escrituras, da oração pessoal e comunitária (livre), bem como da reunião em círculos piedosos, nos quais o sacerdócio real de todos os crentes era praticado. Por fim, enfatizava-se muito que a fé do coração deveria se comprovar em atos práticos de amor ao próximo. Esses aspectos elementares do Pietismo do séc. XVIII são resgatados, de forma imediata, pelo Movimento de

Despertamento, sendo desenvolvidos adiante por este.

Mas, no transcorrer das rupturas sócio-políticas, na virada do séc. XVIII para o séc. XIX, e acima de tudo em razão da Revolução Francesa, a situação política se modificou. O Iluminismo e a crítica racionalista ao cristianismo tradicional criaram uma nova constelação no âmbito do pensamento humano. Por fim, também a pesquisa das ciências naturais e a Revolução Industrial desencadeada por ela fizeram surgir uma nova situação, caracterizada por condições de vida diferentes em relação ao período anterior. Em virtude de todas essas rupturas marcantes, o Movimento de Despertamento não podia dar simplesmente continuidade ao Pietismo barroco ou clássico, pois este obteve a sua característica própria essencialmente a partir de seu posicionamento histórico diante da Ortodoxia luterana e reformada, de formas de Estado típicas do séc. XVII, bem como diante de uma economia de cunho agrário. Este quadro de fatores condicionantes havia se modificado substancialmente no séc. XIX. Os círculos avivados encararam essa situação modificada e, justamente a partir de sua forte autocompreensão missionária e evangélica, dedicaram-se intensivamente aos desafios da nova época, modificando e reformulando, dessa forma, a herança espiritual recebida do Pietismo. Por essa razão, faz-se necessário, na exposição a seguir, arrolar inicialmente as características teológicas e eclesiais específicas do Movimento de Despertamento, e isso no sentido de um desenvolvimento continuado da herança do Pietismo. Nos próximos tópicos, acolhemos impulsos e perspectivas importantes elaboradas por Ulrich Gäßler.⁷

1. A intensificação da experiência espiritual e da consciência missionária

No contexto da experiência específica que caracteriza o Movimento de Despertamento, faz-se necessário abordar inicialmente o termo “avivamento”, em sua origem e significado. Os termos avivamento, *Erweckung*, *réveil*, *revival* respectivamente *awakening*, caracterizam um determinado contexto bíblico nos Movimentos de Renovação que atingiram todos os grandes âmbitos eclesiais da cristandade evangélica, desde o final do séc. XVIII. O termo alemão “*Erweckung*” foi introduzido na discussão, inicialmente, por representantes do Pietismo de Halle. A metáfora do “despertar” respectivamente do “levantar-se” encontra-se, entre outros, no hino do Cristianismo Primitivo registrado em Ef 5.14: “*Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará*”.

O chamado para o despertar advindo do Ressurreto se dirige a todos os que dormem ou estão mortos em seus pecados. Trata-se da lei de Deus, que revela o pecado, e do evangelho, o qual, como Palavra de Deus, é a semente do novo nascimento e conduz para uma nova vida em Cristo. Paulo descreve este acontecimento do despertar e levantar-se como o de um ser sepultado: “*Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida*” (Rm 6.4). Se o Pietismo clássico havia colocado o enfoque maior no despertar, ou seja, na nova visão de mundo e na atividade neste, o Movimento de Despertamento enfatizou, diante de um crescente esvaziamento das igrejas – e isso tanto diante dos intelectuais burgueses formados quanto diante das grandes massas de trabalhadores na indústria – a necessidade de levantar-se e ressurgir, primariamente em um sentido evangélico.

O avivamento aqui apontado é, acima de tudo, uma experiência individual, que todo aquele que quer ser cristão precisa fazer por si. Dessa forma, um tema central da Modernidade, que é o da individualidade, é resgatado. O tema da individualidade, que já se encontra em Lutero, quando ele recorre à consciência do indivíduo, é aprofundado e interiorizado no Pietismo clássico, quando este fala da vida pessoal decorrente da fé, e agora é retomado pelo Movimento de Despertamento e novamente intensificado. No Iluminismo de cunho Kantiano, o fenômeno do individualismo nos encontra na forma da autonomia do sujeito. Já no Idealismo alemão de Fichte, o individualismo é ampliado especulativamente a ponto de não poder mais ser medido. E, por fim, ele retorna na forma do Romantismo como a experiência do sentimento mais sensível que a pessoa possui. Os avivados concordam totalmente com a virada decisiva de seus contemporâneos em direção ao subjetivismo no âmbito religioso, e pontuam o chamado para o despertar espiritual no chamado à conversão do coração. Hofacker formulou esta motivação de modo clássico por meio de uma oração: “*Senhor, conduz ... a nós todos da especulação para a experiência*”.⁸ Num dos representantes mais importantes do avivamento inglês, Thomas Chambers, a conexão entre experiência com Deus e auto-experiência aprofundada é descrita com o conceito *experimental christianity*. A experiência autêntica com Deus, por ser uma experiência pessoal, transforma a religião da cabeça na religião do coração. Em relação aos relatos de conversões de pietistas e avivados, vale a conclusão a que Helmut Obst chegou: “Via-se na experiência pessoal da realidade de Deus a única

⁷ Em especial: Ulrich GÄBLER. *Erweckung – Historische Einordnung und theologische Charakterisierung*, in: *Auferstehungszeit. Erweckungsprediger des 19. Jahrhunderts. Sechs Porträts*. München: Chr. Kaiser 1991, p. 161-186.

⁸ A. KNAPP (Ed.). *Leben von Ludwig Hofacker*. 4. Ed. Heidelberg 1872, p. 279.

barreira efetiva contra o ateísmo”.⁹ Nesse contexto, torna-se compreensível porque teólogos avivalistas como August Neander (Berlim), Merle d’Aubigné (Genebra) e Philipp Schaff (EUA) dedicaram atenção especial principalmente para determinados indivíduos da história da igreja especialmente agraciados em suas publicações. A exposição da intervenção de Deus na vida do indivíduo e o desenvolvimento da piedade individual tinham prioridade diante da apresentação de instituições ou de análises da história da teologia. Também o florescimento da autobiografia – p. ex. em Jung-Stilling (cf. acima) – encaixa como uma luva neste interesse na conversão pessoal e no progresso na santificação.

2. A rede internacional dos despertados e as sociedades piedosas

Apesar do significado extraordinário que a experiência individual com Deus tinha para o Movimento de Despertamento, não podemos tirar a conclusão errônea de que os despertados se reuniam meramente em pequenos conventículos de pessoas que pensavam e viviam da mesma forma. Essa conclusão estaria em profunda contradição com seu ímpeto missionário e sua compreensão da expansão do Reino de Deus. Se já August Hermann Francke (1663-1727) e Nikolaus Ludwig von Zinzendorf (1700-1760) haviam cultivado relações internacionais da Rússia até a Índia e da Groelândia até o Caribe, da mesma forma os despertados amantes das viagens do séc. XIX eram gratos pela bênção que era a existência de barcos a vapor e locomotivas.

Para mostrar de forma concreta a internacionalidade das cabeças dos líderes do Movimento de Despertamento, seja remetido aqui para duas biografias que comprovam isso, devido ao seu caráter paradigmático: um dos teólogos mais significativos do avivamento foi Philipp Schaff (1819-1893). Ele nasceu na cidade suíça de Chur. Aos 15 anos de idade, quando estudava na escola em Württemberg (Alemanha), ele teve contato com círculos de pessoas avivadas na cidade de Stuttgart. Estudou teologia em Tübingen e também em Halle, junto a August Tholuck. Tholuck introduziu-o junto a von Kottwitz em Berlim, onde ele foi influenciado principalmente por Neander. Em Genebra, teve um encontro com todos os responsáveis pelo *Réveil* e assumiu, com a idade de 23 anos, a livre docência em Berlim, no ano de 1842. Após sua ordenação por Krummacher, em Elberfeld, ele aceitou um chamado para o Seminário Reformado alemão em Mercersburg, na Pennsylvania (EUA), onde ele chamava a atenção para a teologia alemã nos Estados Unidos e si-

⁹ Helmut OBST. *Elemente atheistischer Anfechtung im pietistischen Bekehrungsprozess*. (PuN, 2). 1975, p. 42.

multaneamente manteve contatos com seus amigos do avivamento europeu durante toda a sua vida. Diga-se, de passagem, que a crítica de Schaff à técnica da conversão em evangelizações, utilizada por Charles Finney, pautada em uma antropologia racionalista, é, até nossos dias, uma questão de extrema atualidade e relevância. Um outro exemplo do internacionalismo dos avivados é Adolphe Monod (1802-1856), um dos representantes mais bem-sucedidos do *Réveil* de Genebra. Em 1825, ele estudou a *Revival* inglesa, por ocasião de uma conferência de professores de escola dominical em Londres. Em 1846 ele participou, também em Londres, da fundação da Aliança Evangélica. Em seguida, visitou os círculos do avivamento na Inglaterra e na Escócia. Realizou uma coleta em Glasgow, destinando-a para Toulouse, na França. Este horizonte internacional não era comum para aquele período. Durante sua viagem à Alemanha, em 1842, ele visita Tholuck em Halle e encontra na casa de Tholuck vários jovens ingleses e americanos que provinham de círculos do avivamento de áreas anglo-saxônicas. Em Berlim, teve encontros intensos com os teólogos Neander, Hengstenberg, Gossner e Otto von Gerlach. Monod constatou que se poderia aprender muito dos irmãos alemães, da mesma forma como estes poderiam tirar proveito de seus hóspedes estrangeiros.

Tais redes internacionais não se encontravam limitadas, entretanto, a relacionamentos individuais, mas encontraram expressão também na forma de cooperações institucionais. Assim havia, por exemplo, entre a “Basler Christentumsgesellschaft” e a “Society for Promoting Christian Knowledge”, de Londres, um intenso trabalho conjunto em muitos setores.

Encontramos um exemplo típico da boa cooperação entre círculos do avivamento também em uma carta do professor Christian Wilhelm Schiek, datada de 16.9.1833 e endereçada ao Secretário da Sociedade do Cristianismo de Basel (*Basler Christentumsgesellschaft*), Christian Friedrich Spittler (1782-1867). “Para comunidades em que as almas têm poucas possibilidades de edificação, as prédicas de Hofacker atenderiam a uma demanda bem especial. Por meio do auxílio de um viajante e assistente a comunidades da diáspora, advindo da ‘Brüdergemeine’, eu poderia levar [estas prédicas] às almas mais sedentas até as regiões mais distantes”.¹⁰ Em sua correspondência, Schiek aponta para três linhas convergentes dentro do Movimento de Despertamento: primeiramente, ele menciona a coletânea de prédicas de Ludwig Hofacker, que foi editada diversas vezes no séc. XIX; em segundo lugar, é mencionada a Sociedade do Cristianismo de Basel, que através de seu programa de litera-

¹⁰ Basiléia. Arquivo de Estado (*Staatsarchiv*), Arquivo particular (*Partikulararchiv*) 653; citado em GÄBLER, op. cit. p. 176.

tura disponibiliza essa obra; e em terceiro lugar, ele menciona as possibilidades logísticas dos irmãos morávios da “Brüdergemeine”, de Herrnhut, que por meio de sua cooperação assumiram a organização da distribuição de escritos edificantes. Inclusive podemos registrar que, de modo geral, em virtude de sua infra-estrutura incomum, os irmãos morávios de Herrnhut auxiliaram a preparar significativamente o terreno de diversos avivamentos, gozando de alta reputação junto aos círculos do Movimento de Despertamento.

Ao lado dos contatos internacionais, as sociedades religiosas, que surgiram em grande diversidade no período do Iluminismo, constituíam-se em um importante instrumento organizacional para a divulgação do Movimento de Despertamento. Elas representam, além disso, um elo de ligação entre tradições muito diferentes do pensamento humano, como o eram o Iluminismo e o Movimento de Despertamento. As diversas “sociedades” ligadas aos Movimentos de Avivamento não seriam imagináveis sem o modelo (secular) de “sociedades”, surgido no período do Iluminismo. Nas igrejas territoriais tradicionais (*Volkskirchen*), as pessoas tornavam-se membros pelo batismo, a partir de uma espécie de contrato de gerações (*Generationenvertrag*). Já as “sociedades” se baseavam na voluntariedade de ações que visavam à união em torno de objetivos comuns. O ingresso dava-se mediante uma decisão pessoal, e não em decorrência da pertença a alguma confessionalidade ou denominação específica, a alguma camada social ou a algum grupo profissional. Homens e mulheres, via de regra, tinham os mesmos direitos; inclusive algumas sociedades de mulheres tiveram um papel relevante para o desenvolvimento de avivamentos. Uma entidade missionária feminina financiou, por exemplo, as primeiras viagens evangélicas de Charles Finney, no Estado de Nova Iorque. Pelo fato de o cumprimento dos objetivos da entidade estar no centro dos interesses, a procedência confessional dos membros destas entidades não era tão importante. Frequentemente as tarefas das diferentes entidades ou sociedades eram convergentes, seja em relação à missão, à evangelização, à distribuição de Bíblias ou folhetos, ou em relação à criação de escolas dominicais, cuidados a órfãos e a carentes. Era comum que uma só pessoa pertencesse, na qualidade de membro, a diversas sociedades desse tipo, simultaneamente. Por causa dessa interconfessionalidade do sistema de sociedades, o Movimento de Despertamento preparou – não por último, no contexto da Aliança Evangélica – tanto o movimento ecumênico moderno, quanto o Movimento Evangelical.

3. Vigilância escatológica e os sinais da proximidade do Reino de Deus

Ulrich Gäbler, em seu artigo sobre a localização histórica e a caracteri-

zação teológica do Movimento de Despertamento, constatou também um “enfoque profético” nos avivados. Inclusive a compreensão de avivamento destes é determinada de modo fundamental por tal enfoque. Os demais aspectos do cristianismo do avivamento são subordinados a este elemento. Na verdade, já na teologia de Johann Albrecht Bengel (1687-1752) a interpretação do Apocalipse e – intrinsecamente ligada a esta – a compreensão histórico-salvífica da realidade haviam tido um papel preponderante. Os acontecimentos da virada do séc. XVIII para o séc. XIX agitaram a compreensão de história, na Europa, de modo tão profundo, que a pergunta pelos sinais dos tempos passou a se apresentar à teologia do Movimento de Despertamento do séc. XIX com muita premência. Na Revolução Francesa, de 1789, vislumbrava-se um sinal apocalíptico, de modo que tanto no velho como no novo mundo, deste e daquele lado do Atlântico, esse acontecimento foi observado e comentado intensivamente. A afronta decididamente anticlerical da Revolução Francesa criou uma nova realidade constitucional na Europa, de acordo com a qual as igrejas cristãs, que durante um milênio e meio da história do Ocidente tinham conquistado seu lugar, acabaram perdendo a sua posição privilegiada na sociedade de então. A Era de Constantino se aproximava, com isso, cada vez mais de seu final.

Johann Heinrich Jung-Stilling (1740-1817) percebeu, em sua “*Lebensgeschichte*” (História de Vida), as seguintes impressões desses acontecimentos convulsivos na França – isso conforme estudiosos de sua biografia: “Em meio a todas estas convicções e concepções ele [pensa-se em Jung-Stilling] não pensou que esta tempestade chegaria tão rápida e repentinamente à Alemanha – ele tinha certamente a intuição de que a Revolução Francesa iria colocar um determinado fundamento para uma batalha grande e decisiva entre luz e trevas, mas que esta batalha estivesse tão próxima, isto ele não imaginava...”.¹¹ Em seu romance “Saudade”, Jung-Stilling interpreta a Revolução Francesa, que estava inseparavelmente ligada ao Iluminismo, como “a besta que emerge do abismo”, que prepara o caminho do Anticristo. Essa besta trabalhava, segundo ele, com o propósito de destruir a verdadeira religião cristã e de derrubar a constituição dos Estados. Pelo fato de o Iluminismo estar mais avançado na França, ele via esse país como o berço do Anticristo. No contexto de sua teologia da história, Jung-Stilling desenvolve uma verdadeira “geografia da salvação”. A história da igreja se movimentou, segundo ele, como o sol poente, do oeste para o leste. Já o Anticristo construiu o seu

¹¹ Assim a avaliação de dados encontrados na “*Lebensgeschichte*” de Jung-Stilling, conforme G. A. BENRATH (Ed.). *Johann Heinrich Jung-Stilling. Lebensgeschichte*. Darmstadt 1976, p. 483.

reino na direção contrária. Os cristãos deveriam esperar a volta do Senhor no oeste e encontrá-lo em um local de refúgio localizado lá. Jung-Stilling fundamenta sua interpretação apocalíptica da Revolução Francesa e sua geografia da salvação mediante recurso da interpretação do livro de Apocalipse realizada por Johann Albrecht Bengel, embora tivesse, sem dúvida, consciência de que os cálculos e as especulações de Bengel eram problemáticos.

De forma geral, os círculos de avivados acertavam as contas com o espírito da época com palavras apimentadas, valendo-se, em suas análises e declarações, de imagens apocalípticas. William Wilberforce (1759-1833), que por causa de seu engajamento em prol da libertação dos escravos havia se tornado uma personalidade moralmente respeitada na Inglaterra, lamentou, em um panfleto muito difundido do ano de 1797, a queda da religião e da moral na ilha. A decadência eclesiástica foi, segundo ele, em última análise uma das razões para o surgimento da crise política e econômica da Inglaterra. Os cristãos nominais não são, conforme Wilberforce, melhores do que os ateus. Segundo sua convicção, somente se poderá chegar a um avivamento nacional por meio do novo nascimento na vida de muitos indivíduos.

Também Isaac da Costa (1798-1860), um judeu de procedência portuguesa, que se converteu ao Protestantismo em 1822, apresenta as suas análises de situação do momento histórico na forma de lamentos. Conforme seu escrito de batalha “Einreden wider den Zeitgeist” (Discursos contra o espírito da época), a igreja e a sociedade se encontram em tal estado de miséria, tal qual a Europa já se encontrava uma vez, a saber, no período que antecedeu a Reforma. Esse sentimento de crise em relação à situação da igreja e da sociedade pode ser encontrado como um catálogo-padrão da crítica feita por quase todos os adeptos importantes ligados ao Movimento de Despertamento mundo afora, em Württemberg (Alemanha), na Escócia, em Genebra e nos Estados Unidos. Ao lado da Revolução Francesa, também a queda de Napoleão, a fome e a crise econômica da Era Napoleônica, a guerra entre a Rússia e a Turquia no ano de 1827 e, por fim, a Revolução de Julho de 1830, em Paris, foram compreendidos nas análises do período a partir de uma visão apocalíptica, sendo relacionados com os discursos proféticos da Bíblia, em especial, com Daniel 7 e Apocalipse 13.

O procedimento hermenêutico em relação à interpretação de textos proféticos, que é encontrado nesta enorme literatura escatológica publicada por teólogos europeus do avivamento, entretanto, apresenta em relação ao Pietismo clássico de Johann A. Bengel uma mudança essencial em relação a um aspecto fundamental. Bengel construiu sua concepção cronológica do cálculo da economia da salvação divina totalmente em cima de dados de

textos bíblicos, calculando, a partir destes, a seqüência dos acontecimentos finais. Ele não procurava incluir os acontecimentos contemporâneos como sinais e indicativos divinos dentro de sua economia da salvação. Os teólogos do avivamento possuíam, neste quesito, um procedimento diferente. Eles analisavam os acontecimentos do seu tempo, perguntando quais seriam os sinais dos fins dos tempos que se evidenciavam neles. Partia-se de um mapa apocalíptico fixo e se colocava os fatos à prova, perguntando quais deles já poderiam ser considerados como cumprimento de profecias e quais deveriam ocorrer primeiramente num futuro próximo. Na coincidência entre profecias bíblicas, de um lado, e de fatos histórico-temporais, de outro lado, via-se uma confirmação marcante da absoluta confiabilidade da Escritura Sagrada. A Bíblia comprova a sua veracidade perante toda interpretação histórico-crítica iluminista – assim a convicção dos avivados –, através da tremenda exatidão pela qual a palavra profética se cumpre diante de todos os olhos. Esse esquema de interpretação também é encontrado em uma determinada literatura contemporânea da ala evangelical. Assim, por exemplo, de uma forma bem intensa, nos anos 70 do séc. XX, em Wim Malgo.¹²

De todos esses impulsos cresceu, no Movimento de Despertamento, uma forte consciência escatológica, segundo a qual o tempo é empurrado em direção à volta de Cristo. Em Ludwig Hofacker, encontramos um enfoque bem típico, em sua prédica inaugural de 1826, em Rielingshausen: “Este, e nenhum outro, é o meu ministério; por isso eu estou aqui, para que eu consiga conquistar alguns de vocês para o Reino de Deus e arrancá-los do fogo eterno... O Senhor me colocou aqui, para conquistar, nestes últimos tempos obscuros, almas para ele...”¹³

O conceito-chave decisivo na piedade do avivamento, mediante o qual as expectativas escatológicas são interligadas teologicamente, em termos de conteúdo, com as tarefas do presente, chama-se “Reino de Deus”. Nesse sentido, existem duas linhas de interpretação no Movimento de Despertamento, as quais tiveram, cada uma delas, implicações específicas, a saber, a perspectiva “pré-milenista” e a “pós-milenista”. A primeira parte do fato de que Cristo irá voltar antes do início do milênio, ou seja, do reino de 1000 anos. De acordo com este Quiliasmo (doutrina do reino dos 1000 anos [cf. Ap 20.1-6]) clássico não se pode esperar nada dos esforços da igreja ou dos círculos de pessoas avivadas. O Reino se encontra exclusivamente nas mãos de Deus. O

¹² Cf. abaixo, no tópico IV. 5, onde a questão da interpretação adequada de textos apocalípticos é abordada.

¹³ Cf. A. KNAPP, op. cit., p. 208.

seu Cristo irá fazer o Reino de Deus irromper sem auxílio do ser humano. Nas convulsões dos fins dos tempos, que precedem a irrupção do milênio, a única coisa que se deixa fazer é recolher os piedosos e, em seus círculos, aguardar o fim. Essa posição radical foi assumida pelos Separatistas em Württemberg (Alemanha) e pelos Darbistas, na Grã-Bretanha.

Bem diferente é a posição dos pós-milenistas, que viam na cooperação da construção do Reino de Deus a tarefa contemporânea decisiva de uma pessoa avivada. Quanto à história dos efeitos históricos, é principalmente esta linha, a pós-milenista, que se impôs como posição fundamental, tanto no Movimento de Despertamento, quanto, mais tarde, no Movimento Evangelical do séc. XX. A concepção teológica de que o trabalho no Reino de Deus conflui de forma imediata para dentro do reino milenar de paz e prepara a vinda do Senhor, mostrou-se como forte motivação para a práxis. Abaixo de práxis deve-se entender, neste contexto, tanto a ação evangelística quanto a ação caritativa dos avivados.

Quando, por exemplo, a Aliança Evangélica foi fundada em 1846, perseguiu-se conjuntamente uma dupla tarefa: a conversão dos pagãos nos territórios coloniais além-mar e o despertar da população secularizada na Europa. A palavra pregada era sublinhada por entidades sociais, pedagógicas e diaconais. O pensamento do Reino de Deus se constituía, diante das trevas dos fins dos tempos, como um sinal positivo da esperança, que foi descoberto nas diferentes iniciativas do Movimento de Despertamento. Um exemplo típico dessa postura de esperança é o título da folha de correspondência da Sociedade do Cristianismo Alemão, de Basel, que dizia: “Notícias do Reino de Deus”.

A partir deste amplo horizonte, o batista inglês William Carey (1761-1834) formulou sua estratégia para a evangelização da Índia. Thomas Chalmers desenvolveu um programa para a reconquista de toda a Escócia para Cristo. Diante do império britânico e de seu poderio colonial, Chalmers via que, especialmente o povo inglês havia sido chamado para trazer o evangelho para os povos gentios da África e da Ásia. Hofacker, por sua vez, estava convencido de que o centro do Reino de Deus na Alemanha se encontrava em Württemberg e que de lá é que iriam sair os impulsos decisivos para a construção desse Reino.

Muito mais abrangentes ainda eram as esperanças quiliásticas de Philipp Schaff, nos EUA. Schaff partia do fato de que a América do Norte, como local de fusão de nações através de um experimento histórico único que era a fundação dos Estados dos EUA, havia se mostrado como um local especialmente denso de futuro. Esta função integradora é boa, em sentido ecumênico,

especialmente para os cristãos americanos, já que foi lá que, pela primeira vez, as igrejas confessionais influentes se reconciliaram mutuamente e se fundiram em uma grande comunhão fraterna. Esse processo, segundo Schaff, iria, finalmente, se impor abaixo do papel de liderança espiritual exercido pela América, de modo que o evangelho fermente todo o mundo e finalmente encontre com o Senhor que volta, como fruto maduro. A “geografia da salvação” de Schaff partia do ponto de vista de que o Reino de Deus seguia o curso do sol, do oeste para o leste: o Reino de Deus tomava na Palestina o seu início, passava pela Europa e encontrava no leste, na América, a sua consumação quiliástico-histórico-salvífica.

A problemática de uma escatologia do Reino de Deus pós-milenista – tal qual como apresentada acima – se torna perceptível já em Philipp Schaff. A concepção de uma ação processual e sinalizadora dos cristãos despertados em prol do Reino de Deus pode, sem que se pretenda, transformar-se em seu contrário, ou seja, em uma esperança secularizada de um tempo de salvação meramente terreno. Então não é mais Deus quem faz irromper o seu reino poderosamente, mas é o ativista piedoso que, por intermédio de sua ação social ou missionária, consome o Reino em regência própria. No séc. XX, foi um movimento chamado “Social Gospel” que defendeu, na América, uma compreensão secularizada do evangelho. Por outro lado, principalmente alguns dos colaboradores representativos do ecumenismo de Genebra, em especial, nos anos 70, defenderam tais posições.

No Congresso de Lausanne, em 1974, o Movimento Evangelical, sob a liderança do americano Billy Graham, criticou decididamente o evangelho puramente social, propagado pelos representantes do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Quanto ao conteúdo, essa crítica evangelical se fundamentava tanto na tradição do biblicismo, quanto na tradição estritamente evangelística de sua teologia.

Por fim, relativamente ao horizonte de esperanças do Movimento de Despertamento, é preciso remeter ainda para um aspecto importante e hoje especialmente em evidência: a teologia do Reino de Deus deste movimento estabeleceu, em sua visão de missão, conexões com um tema que já era importante no Pietismo clássico de Spener, a saber, a missão entre os judeus. Spener havia fundamentado a sua “esperança por tempos melhores” com a salvação de “todo o Israel”, fazendo uso da palavra de Paulo em Rm 11,26. Spener, que atuou como decano de pessoas de terceira idade em Frankfurt, havendo encontrado lá uma comunidade judaica relativamente grande, cultivou a esperança de que haveria uma rápida conversão dos judeus ao evangelho. Correspondentemente a essas expectativas, os despertados do séc. XIX

viam nas conversões de muitos judeus ao cristianismo evangélico um importante critério para medir o progresso que o Reino de Deus estava tomando no mundo. Partindo de Rm 11.25 esperava-se que primeiramente um resto de Israel se converteria, antes que as grandes massas dos povos gentios e dos descrentes dos países sem igreja da Europa encontrassem a fé. O judeu cristão Christian Friedrich Frey, de Franken, no ano de 1809, deu o impulso decisivo para a fundação da “London Society for Promoting Christianity Amongst the Jews”. Sociedades missionárias similares, que tinham o propósito de promover a missão entre os judeus, também atuavam no continente. Igualmente Isaac da Costa via em cada judeu convertido um sinal crescente de que os convertidos judeus eram sinais escatológicos da proximidade da vinda do Reino de Deus.

III. O MOVIMENTO DE DESPERTAMENTO E SUA BATALHA CONTRA O RACIONALISMO TEOLÓGICO

Na pesquisa histórico-eclesiástica alemã, via-se até agora, em grande medida, o Movimento de Despertamento como uma oposição rigorosamente intra-eclesiástica ao Iluminismo. Pensa-se principalmente na história do impacto do Iluminismo diante do racionalismo teológico e da Neologia. A exposição acima mostra que o desejo do Movimento de Despertamento estava determinado, de forma fundamentalmente positiva, a promover o alvo da renovação espiritual da igreja. Bem no sentido deste ímpeto reformatório, o Avivamento resgata os esforços do Pietismo original e os conduz adiante. Os esboços sobre o desenvolvimento histórico do Movimento de Despertamento, nos itens 1 e 2, mostram que a civilização ocidental se encontrava, no séc. XIX, em um intenso processo de pluralização, que se manifestava justamente nas igrejas protestantes de forma muito clara. O Movimento de Despertamento espelha, em sua diversidade e multiplicidade, esse desenvolvimento social e cultural. Contudo, ele teve que, a partir de sua herança evangélica e ecumênica inspirada genuinamente no Pietismo, empenhar-se na busca de um horizonte mais amplo, caso quisesse permanecer fiel às suas raízes e fazer justiça à sua autocompreensão. Esse fato teve implicações e desdobramentos importantes, pois o Movimento de Despertamento, a despeito da positividade de suas intenções básicas, necessariamente teve que entrar em conflito com a mudança revolucionária ocorrida com o pensar humano, tal qual esta se apresentou no Iluminismo europeu. Um movimento eclesial que, de um lado, procurava aprofundar os fundamentos bíblicos da fé e, de outro lado, empe-

nhava-se missionariamente pela fé cristã, em uma época do abandono de Deus, via-se *eo ipso* confrontado com o espírito da época, com o Racionalismo e com a Neologia. Num tempo em que o consenso sobre conteúdos essenciais da confissão de fé herdada estava sendo destruído pela crítica racionalista, a pregação evangélica necessitava da apologética teológica para fundamentar sua reivindicação de ser verdade. Conseqüentemente, a teologia do Movimento de Despertamento era caracterizada parcialmente pela polêmica superficial, mas, por outro lado, também, parcialmente, por uma sólida apologética diante da crítica religiosa advinda da filosofia, das ciências naturais e das ciências da história. Ela lutava, com muita clareza, embora nem sempre de forma bem-sucedida, contra a recepção do pensar iluminista dentro do Modernismo teológico. Por tal razão, pode-se afirmar, com boas razões, em relação ao enfoque teológico do Movimento de Despertamento, que se deve dar razão à difundida tese da pesquisa histórico-eclesiástica, que afirma que o Pietismo e o Movimento de Despertamento se distinguem, não por último, pelo fato de o Pietismo barroco ter o seu oponente na Ortodoxia, e o Movimento de Despertamento no Iluminismo, respectivamente no Racionalismo. Nos tópicos seguintes, pretendemos apontar para os principais aspectos do embate entre a teologia do Movimento de Despertamento e da Neologia.

1. Características básicas do Racionalismo teológico e da Neologia

O Iluminismo europeu tem por fundamento o lema cunhado por Immanuel Kant, “*sapere aude*” (arrisque a pensar ou a fazer uso de tua racionalidade), que motivava para o uso autônomo da razão humana.

O Racionalismo teológico se move no âmbito desta premissa fundamental da filosofia iluminista. Ele tem por alvo avaliar criticamente os conteúdos da fé na revelação cristã e o dogma eclesial, colocando-os à prova em relação à sua adequação à razão.

Os fundamentos do Racionalismo teológico foram colocados já no séc. XVII por Deístas ingleses como Cherbury, Locke, Toland e Tindale. Embora seja difícil encontrar um mesmo ponto de referência filosófico para todos os Deístas, a imagem do “relojeiro divino” atinge a convicção mais elementar dos mesmos. Acredita-se na existência de um Deus criador, mas que não mais intervém no transcorrer restante dos acontecimentos na natureza e na história humana. Ele, como bom relojoeiro, implantou uma mecânica precisa no mundo, que o faz andar por si só. O mundo funciona, correspondentemente, conforme a sua programação inicial e regido por leis autônomas. A intenção da filosofia da religião deísta é a de criar uma teologia

que, pelo fato de ser desenvolvida a partir de critérios universais da razão, é natural, isto é, acessível à compreensão por todos seres humanos. Paradigmáticos são, nesse sentido, os critérios que Edward Lord Herbert of Cherbury (1583-1648) estabeleceu em sua obra “De veritate”, de 1624, para uma religião que esteja em conformidade com a razão humana. Todo e qualquer ser humano normal, dotado com a razão, poderia entender e aceitar as seguintes verdades: 1. a existência de um Deus supremo; 2. o dever do ser humano de adorar a esse Deus; 3. as virtudes como práxis moral de toda religião; 4. a possibilidade de expiar a culpa em que se caiu por meio de arrependimento; e, por fim, 5. o castigo e a recompensa ao ser humano por Deus, numa vida futura.

Porém, o Deísmo foi, sob ponto de vista da filosofia da história, ultimamente apenas um fenômeno de passagem para o ateísmo radical, tal como aquele que foi inicial e principalmente defendido pelo Iluminismo Francês do séc. XVIII. Como tal, o Deísmo (do latim *Deus*) ainda apresenta determinadas referências rudimentares à tradição cristã, mas elimina os conteúdos e os fundamentos centrais da revelação histórica de Deus, como o ser divino-humano de Cristo, o seu sacrifício expiatório, seus milagres, bem como sua ressurreição e sua parusia.

Essas premissas do Deísmo foram retomadas, em grande medida, pelo Racionalismo teológico, tendo passado por um processo de recepção nas escolas neologistas da teologia. Importante para os defensores da corrente da Neologia é que haja uma coincidência entre a razão e a revelação, a partir de uma interpretação histórico-crítica das Escrituras, bem como a partir de uma purificação dos dogmas de todos os seus “resquícios supersticiosos”, tendo assim por alvo uma adoração a Deus que seja virtuosa. Falando em termos históricos, a Neologia caracteriza, em especial, a fase iluminista da teologia evangélica, que teve início depois de 1740. A Neologia se debatia tanto com a Ortodoxia confessionalista tardia, quanto – e isso crescentemente – com os representantes pietistas e biblicistas da teologia do avivamento. Neólogos, como p. ex., Sigmund Jacob Baumgarten (1706-1757) e Johann Joachim Spalding (1714-1804) – este último principalmente por meio de sua obra principal, “Gedanken über die Bestimmung des Menschen” (“Pensamentos acerca da Destinação do Ser Humano”), lançada no ano de 1748 – tomavam como ponto de partida a experiência interior do cristão, tal como esta se desenvolvia dentro do quadro de uma racionalidade determinada pela filosofia da religião. Eles tinham por alvo a edificação individual e o bem-estar da sociedade. O sentimento piedoso surge, conforme a concepção neologista, em decorrência da Palavra de Deus, em sua “moralidade” (*Sittlichkeit*) autên-

tica, i.é, na medida em que esta palavra comprove ser religiosa e moralmente plausível diante da razão. Tanto o cânon bíblico quanto os dogmas eclesiais são submetidos, em nome da maioria religiosa do ser humano, a uma análise crítica. De acordo com uma mania tipicamente protestante do período, Martin Luther (1483-1546) é festejado pelos Neólogos como o precursor de uma liberdade de consciência emancipada e da tolerância religiosa. Neólogos como Ernesti, Niemeyer, Jerusalem e Griesbach procuram ligar a concepção de uma história dos dogmas não-partidária com uma dogmática que se concentrava no ético. Eles queriam transformar a religião, como o afirmou Spalding, “em uma líder da vida real, normal”. Por essa razão, separava-se a teologia tanto de seu quadro de referências metafísico-cosmológico, quanto de sua destinação apocalíptica.

Vale lembrar que o quadro de referências da teologia, antes do Iluminismo, estava orientado na antiga ontologia (metafísica), tendo aceitado, neste horizonte, uma determinada ordem do cosmos. Assim, a história era compreendida bem no sentido da história da salvação bíblica.

O liberalismo da teologia da Neologia deveria ser garantido através de uma distinção clara entre a práxis piedosa pessoal do teólogo, de um lado, e da pesquisa científica na teologia, de outro lado. Já em 1774/77, Johann Salomo Semler (1725-1791) exigiu, em sua obra “Versuch einer freieren theologischen Lesart” (“Ensaio de uma leitura teológica mais livre”), a emancipação das autoridades bíblicas e eclesiais, vistas como sendo até então autoritárias.

O esboço das posições do Racionalismo teológico e da Neologia, apresentado até aqui, esclarece dois aspectos em relação aos desafios que eles representaram ao Pietismo e ao Movimento de Despertamento: primeiramente, fica evidente que a crítica à fé bíblica e sua sustentação dogmática na confissão da igreja, que iniciou já no séc. XVII e se desenvolveu no séc. XVIII foi percebida apenas em fase muito posterior nas bases da igreja, havendo um intenso adiamento de fase nesse processo. No período do Pietismo barroco, a Ortodoxia luterana ou reformada imperava e se encontrava firmemente estabelecida nas faculdades. Os pais do Pietismo procuravam destacar a vivacidade elementar da fé e da prática da piedade diante de especulações doutrinárias extremamente complexas, como aquelas que encontravam, não raramente, em prédicas dominicais. Sob determinado ponto de vista e a partir de um olhar mais superficial, a teologia iluminista tinha, com seu enfoque no indivíduo piedoso e com sua insistência na moralidade prática, intenções semelhantes às dos pietistas de primeira e de segunda geração. Contudo, o Deísmo, o Racionalismo e a Neologia tiveram uma marcha tão triunfante em muitas faculdades de teologia e em muitas direções de igrejas, que o surgimento

do Avivamento na segunda metade do séc. XVIII aconteceu simultaneamente a tal deslocamento na conjuntura do poder teológico e político-eclesiástico. A essa conjuntura, os círculos avivados tinham que reagir inevitavelmente – *nolens volens*.

Em segundo lugar, a palavra “reação” aponta para um outro problema que desponta no embate entre Movimento de Despertamento e Racionalismo. O Pietismo clássico desencadeou uma renovação espiritual diante do desgaste causado pelas disputas das teologias de controvérsia católico-romana, luterana e reformada. Essa renovação espiritual, que aconteceu mediante remissão decidida às Escrituras e sua economia salvífica universal, significou uma abertura que transcendeu as barreiras confessionais. Essa abertura introduziu uma época nova e inovadora na história da teologia. O Iluminismo conquistou, contudo, depois do florescimento da teologia universitária pietista, de forma muito rápida, dentro da maioria das faculdades teológicas evangélicas da Europa, a posição de liderança. A passagem dramática do Pietismo de Francke para o Racionalismo da geração de Semler, ocorrida na Universidade de Halle, que havia sido fundada, sem dúvida, por pietistas, é um dos exemplos mais impressionantes dessa mudança ocorrida na história do pensamento humano, embora seja, simultaneamente, um dos exemplos que mais remetam o Pietismo à sobriedade. Ou seja, diante do Racionalismo surgido do Iluminismo, a teologia do Movimento de Despertamento não se encontrava – como era o caso do Pietismo clássico diante da Ortodoxia – em posição ofensiva, mas sim, em posição defensiva. O Movimento de Despertamento procurou a defesa da mensagem bíblica e, mui rapidamente, também a dos diferentes escritos confessionais das igrejas, tendo sido inclusive provocado, sempre de novo, a reações por causa do desenvolvimento da crítica bíblica e da crítica aos dogmas em modalidades cada vez mais radicais quanto ao seu modernismo. Essa situação representava, para a geração jovem daquele período, que estava fascinada pelos sucessos da ciência iluminista, sérias dificuldades; ela fazia com que o Movimento de Despertamento não fosse visto por estes, necessariamente, como algo atrativo.

2. A batalha do Movimento de Despertamento com a Neologia

Conforme o acima exposto, percebe-se que ocorreu a quebra dos sistemas de ensino tradicionais, no âmbito da teologia evangélica, desde o final do séc. XVIII. Novas formulações doutrinárias foram criadas por meio de reduções, seleções e combinações de elementos da tradição clássica herdada. Também elementos estranhos, não-bíblicos e não teológicos, foram introduzidos a gosto e combinados por meio de procedimentos de síntese com antigas

convicções de fé. Dessa forma, surgiu uma pluralização quase inacreditável da teologia, que justamente por essa razão foi chamada, naquele período, de Neologia, pois ela incorporava em seu discurso sempre as novas tendências da época. O Movimento de Despertamento se posicionou com enorme veemência contra essa dissolução da revelação histórica. Ele vislumbrava, na Escritura Sagrada, o fundamento inalienável e a norma de toda doutrina eclesial, empenhando-se por uma renovação no interior da igreja a partir de uma teologia normatizada pela Escritura. Nos próximos dois sub-tópicos, pretendemos mostrar em dois exemplos, de forma paradigmática, como foi o embate do Movimento de Despertamento com a Neologia iluminista. Pretendemos, além disso, mostrar quais foram as situações históricas que fizeram com que o Movimento de Despertamento, por sua vez, acabasse sendo influenciado pelo pensamento racionalista.

2.1. O debate da “Basler Christentumsgesellschaft” com a Neologia¹⁴

A “Basler Christentumsgesellschaft” (Sociedade do Cristianismo da Basileia) colocou, inicialmente, para a sua atuação, limites teológicos bem definidos. Ela queria seguir, de forma consciente, o Pietismo clássico, ou seja, a pura doutrina e a verdadeira salvação. Por isso, quando irrompeu, no ano de 1780, uma nova cosmovisão na filosofia e na cultura, ela não bebeu deste novo espírito, mas procurou servir ao despertar espiritual a partir das puras fontes do próprio evangelho. Justamente a partir da concentração na herança pietista, a “Christentumsgesellschaft” desenvolveu e manteve, até para dentro do séc. XX, ligações internacionais efetivas, tornando-se numa entidade de ampla influência dentro do Movimento de Despertamento – e isso tanto na Europa quanto na missão mundial.

A própria cidade da Basileia, com sua universidade, era um centro do cristianismo conservador com fortes características pietistas. Apenas pastores isolados se voltaram para a teologia iluminista. Aquilo que preocupava os cristãos da Basileia, por ocasião da fundação da “Deutsche Christentumsgesellschaft” (Sociedade do Cristianismo alemão), era o quadro geral da Europa. Wilhelm Jacob Eisenlohr, um leigo pertencente à Sociedade Particular de Stuttgart (Alemanha), pronunciou-se, da seguinte forma, a respeito dos motivos para a fundação de uma Sociedade do Cristianismo diante do desafio representado pela Neologia: “... a Neologia de hoje deve sua existência a um começo um tanto pequeno e de pouca visibilidade, a saber, à onda

¹⁴ A exposição abaixo baseia-se, essencialmente, na contribuição de G. A. BENRATH. *Die Basler Christentumsgesellschaft in ihrem Gegensatz gegen Aufklärung und Neologie*. (PuN, 7). 1981.

da beletrística (*Belletristerei*). Inicialmente, ela era apenas uma mera melhoria de linguagem (*Sprach-Verbesserung*) no discurso de uma doutrina cristã que julgava pelo amor, o que pode até ter fluído a partir de uma boa intenção. Mas a partir disso, paulatinamente foi preparado o caminho para uma reforma de idéias em questões religiosas. Ao que parece, a nova retórica teológica não passava de um capital que se tinha emprestado do mundo. E da mesma forma como todo credor obtém um poder legal sobre os que estão em débito com ele, assim também aconteceu aqui. O mundo permaneceu senhor sobre o seu empréstimo e inseriu, despercebidamente, neste estilo enfeitado [da Neologia] seus antigos conceitos contrabandeados (*alte neutralistische Contreband-Begriffe*). E assim chegou-se, com esta compulsão para mudanças, a tal ponto que, finalmente, uma religião totalmente nova, ou melhor, uma verdadeira irreligião passou a ser articulada sem qualquer receio em uma nova linguagem, e isso de forma oral e escrita”.¹⁵ Chama atenção a modéstia da “Basler Christentumsgesellschaft” perante o desafio intelectual que se apresentava pelo Racionalismo teológico. Não se queria contradizer a Neologia com argumentos racionais, mas confessar de modo simples e firme a fé dos pais. Eisenlohr resume essa postura do pessoal da Basileia em uma carta a estes, datada do ano de 1783, da seguinte forma: “Nós não somos, nada mais e nem nada menos, do que Pietistas que se correspondem. Isso é tudo... Dentre os teólogos que estão conosco, há muito poucos (quem sabe, nenhum), que entendam tanto da arte da disputa que é ensinada, a ponto de poderem se arriscar a desafiar os Senhores Neólogos à batalha. Portanto, é melhor para a velha verdade, que nós nos calemos, do que defendamos mal uma boa causa”.¹⁶ Dessa forma, procurou-se viver retrospectivamente, buscando orientação nos escritos do Pietismo clássico, o que era feito mediante cultivo, divulgação e recepção intensos dessa literatura. Ainda assim, estes cristãos da Basileia, com toda a sua rede de correspondências, que se estendia por toda a Europa, não conseguiu simplesmente conservar as posições teológicas do séc. XVII e do início do séc. XVIII. Isso se mostrou principalmente em relação às tradições confessionais das diferentes confissões religiosas como, por exemplo, a doutrina da santa ceia e a da predestinação. Tinha-se conhecimento das diferenças, mas estas eram toleradas – bem no espírito do Iluminismo – de forma benevolente. Isso ocorria porque, diante da ameaça da Neologia, os membros da “Basler Christentumsgesellschaft” reduziram à três posições fundamentais o seu consenso doutrinário básico mútuo: a rejeição da inter-

¹⁵ A citação se encontra em G. A. BENRATH, op. cit., p. 91.

¹⁶ Id., ibid., p. 93.

pretação bíblica racionalista, a confissão da humanidade e divindade de Cristo e, por fim, a redenção do ser humano pecador por meio do sacrifício vicário de Jesus. Na teologia da santa ceia a posição dos reformados se impôs em seus elementos centrais – isto sem protesto dos luteranos que participavam da “Christentumsgesellschaft”. Na cristologia, as diferenças existentes entre os reformadores não foram nem sequer mais tematizadas e, na escatologia, acabou-se indo ao encontro do espírito da época por meio de concepções que vislumbravam um universalismo salvífico. Por meio destas relativizações de diferenças doutrinárias unistas,¹⁷ registram-se semelhanças entre adeptos do Despertamento e do Iluminismo, as quais certamente não foram intencionais por parte dos amigos da “Christentumsgesellschaft”, mas que ainda assim são dignas de nota. A despeito de todas posições confessionais assumidas por alguns de seus representantes mais destacados, o biblicismo conduziu a teologia do Movimento de Despertamento, por fim, a uma abertura ecumênica que acabava por transcender os limites das confissões.

A convulsão provocada pela Revolução Francesa, bem como a Era Napoleônica, representaram para a “Christentumsgesellschaft”, entre anos de 1795 e 1810, um importante impulso para ir de forma ainda mais decidida ao encontro de novas ligações com os despertados de outras regiões geográficas e, simultaneamente, a conduzir a batalha contra o Iluminismo de forma ainda mais determinada, no sentido de uma “*societas de propaganda fide*” (“Sociedade para a propagação da fé”). Estes cristãos da Basileia tomaram parte de forma intensa em interpretações de cunho profético-apocalíptico da época, assim como era costume de todos os despertados daquele período. Quando Napoleão foi definitivamente derrotado, em Waterloo, 1815, e a paz foi reestabelecida, afirmava-se que o imperador e conquistador francês havia sido o castigo de Deus para os povos da Europa que haviam se tomado ímpios; esperava-se, além disso, principalmente do oeste, ou seja, do Czar Alexandre II e da aliança sagrada entre a Rússia, a Prússia e a Áustria, uma renovação do ocidente cristão.

No dia 25 de setembro de 1815, em data que precedeu a proclamação da Aliança Sagrada em Paris, com a sua “*politique sacrée*” (política sacra), foi fundada, num pequeno círculo, na Basileia, a “Basler Mission” (Missão da Basileia) e, para a formação dos pregadores necessários para a missão entre os pagãos, logo também o “Seminário de Missão da Basileia”. A “Christentumsgesellschaft” se desenvolveu em direção a uma “*societas de*

¹⁷ N.T.: pensa-se aqui na união e num consenso de luteranos e reformados, que caracteriza determinadas regiões e igrejas na Europa.

praedicanda fide” (Sociedade para a propagação da fé). Dessa forma, a sensação obscura e apocalíptica causada pela expectativa do Anticristo como que desapareceu, de modo que as pessoas saudavam, com uma esperança alegre, novas irrupções do Reino de Deus.

A oposição estrita entre Iluminismo e Despertamento foi, ainda assim, enfatizada. Em junho de 1820, quando Christian Heinrich Zeller (1779-1860) abriu a “Freiwillige Armen-Schullehrer-Anstalt” (Entidade de professores voluntários de pessoas carentes), ele escreveu o seguinte a respeito da Neologia: sua religião consistia em “um cristianismo sem Cristo, sem fé, sem amor, sem consolo e sem essência de vida”.¹⁸ Sob o título “Sammlungen” (Coletâneas), pessoas da “Basler Christentumsgesellschaft” publicaram diversos testemunhos de teólogos, estudantes e pastores que haviam se afastado da Neologia e retornado para o evangelho bíblico. Mas também o contrário é compartilhado em relatos impressionantes: o fim horroroso de pessoas mundanas e de zombadores da religião. Chama a atenção que eles, nesta sua apologética popular, abriram mão de fazer uso de uma argumentação racional. Em lugar disso, veiculavam-se experiências de fé do avivamento europeu e, crescentemente, também da missão externa. A direção do Seminário da Basileia reconheceu, contudo, que justamente ao lidar com candidatos à missão as perguntas relevantes da época tinham que ser colocadas. Dessa forma, procurou-se por uma conexão evidente entre razão e revelação. E eles a encontraram nos estudos bíblicos histórico-salvíficos de Johann Jacob Hees, um amigo de Lavater e de Jung-Stilling. Hees vislumbrava na economia da salvação a prova da verdade divina na história. A conexão intrínseca entre a direção divina no Antigo Testamento e a construção do Reino de Deus na história da igreja era tida por Hees como prova histórica disso.

Numa fase posterior do Seminário da Basileia, os estudantes de missão eram enviados à faculdade da Basileia para determinadas preleções, como as sobre os evangelhos sinóticos e sobre a “enciclopédia teológica”. Entretanto, amigos da “Basler Christentumsgesellschaft” levantaram fortes protestos contra essa abertura. A oposição mostrou-se, em especial, quando Martin Leberecht de Wette foi chamado para ser o novo Diretor do seminário, no ano de 1822. No séc. XX, com a liberalização paulatina do Seminário teológico, a Missão da Basileia foi, então, tirada de seu contexto marcado pelo Pietismo e pelo Despertamento, para ser introduzida no contexto ecumênico do Conselho Mundial de Igrejas de Genebra, com sua concepção teológica de missão.

¹⁸ Id., *ibid.*, p. 111.

2.2. Charles Grandison Finney – Teólogo do Despertamento e pessoa moderna

Ulrich Gäbler caracteriza em seis retratos elucidativos, apresentados sob o título “*Auferstehungszeit*” (Tempo de Ressurreição), a biografia de diferentes pregadores do avivamento do séc. XIX. Para nosso estudo relativo ao relacionamento entre Iluminismo e Movimento de Despertamento, a teologia do pregador do avivamento americano, Charles G. Finney (1792-1875) é, sob muitos pontos de vista, interessante. Se no caso da Sociedade do Cristianismo da Basileia o tema estava mais focado em uma instituição do Despertamento em sua batalha contra a Neologia, o problema em questão se mostra de uma forma própria, mas não menos elucidativa, também no caso de Finney, a partir de um contexto cultural bem diferente. Finney modificou profundamente a geografia espiritual da América do Norte em dez anos de seu ministério de viagens evangelísticas pelos estados de New York, Delaware, Ohio e Pennsylvania.

Nos primórdios do séc. XIX, um Calvinismo marcado por espírito puritano determinava os estados do oeste dos EUA. Em razão de gigantes progressos tecnológicos, os centros de poder sócio-econômicos se transferiram para os grandes lagos e para o leste. Principalmente os batistas e os metodistas se adequaram muito bem em seu trabalho a esta expansão do leste. Para o Calvinismo americano, a apropriação da fé pela conversão e pelo novo nascimento se encontrava no centro da teologia e da piedade. Entretanto, já no séc. XVIII havia duas linhas que se combatiam mutuamente de forma intensa. Uma delas era representada pelo teólogo bíblico do Despertamento, Jonathan Edwards (1703-1758), que enfatizava, mediante remissão para a soberania ilimitada de Deus, que não haveria nenhuma liberdade de arbítrio humano. A outra linha, calvinista, estava mais interessada na execução prática do avivamento, percebendo nos esforços do pecador – como a oração e a leitura da Bíblia – pressupostos favoráveis à conversão. A última linha teve uma continuidade coerente, no séc. XIX, na pessoa do professor de teologia Nathaniel William Taylor, em Yale. No contexto dessa teologia, denominada de “*New Haven Theology*”, buscava-se combater a “incredulidade francesa” e superar o Racionalismo iluminista através de uma dedicação viva à fé cristã. Mas Taylor partilhava, simultaneamente, as premissas filosóficas da antropologia de seus oponentes. Ele defendia a concepção de que o ser humano se decide livremente pelo pecado, e via o Reinado de Deus como uma grandeza moral, que segue os princípios da Bíblia. Esses dados fundamentais – bem como todas as doutrinas importantes da Bíblia – são, conforme a convicção de Taylor, acessíveis e compreensíveis à razão humana.

Finney, por sua vez, tinha sido marcado pela tradição da “New Haven Theology” e conciliava, por isso, Racionalismo e teologia da conversão em seus empreendimentos evangelísticos. Finney havia experimentado em si mesmo a passagem de uma pessoa mundana não-convertida para um cristão convertido, como um ato consciente da vontade. A dramática história de sua conversão, que se estendeu por vários dias, ele descrevia como “revelação”. Ela o tornou em um dos mais ativos batalhadores do Reino de Deus. Novo nascimento e estagnação são, para Finney, uma contradição em si mesmos.

Por isso, logo após a sua conversão, Finney desenvolveu, uma atividade de incansável de pregação. Suas pregações eram facilmente compreensíveis e cheias de ilustrações. Ele se tornou conhecido como pregador do despertamento, principalmente pelos seus “*New Measures*”, i. é, seus novos métodos evangelísticos, e isso não só no leste, mas também na costa oeste dos EUA. Ele realizava, em New York e Boston, longas campanhas evangelísticas, até aceitar, no ano de 1832, devido a sua saúde afetada, o chamado para o pastorado na comunidade da cidade de New York. Após uma viagem mais longa ao Mar Mediterrâneo, para descanso, ele iniciou, em 1834, as “*Lectures on Revivals*” (Preleções sobre os despertamentos/avivamentos), as quais foram publicadas e grandemente acolhidas. O pregador do despertamento tornou-se, assim, em teólogo do despertamento. Assim, em 1835, ele assumiu a cadeira docente no “Oberlin College”, junto a Cleveland (Ohio). Ele deveria empenhar-se na formação de pastores fortemente orientados para a práxis, para prepará-los a se tornarem aptos a atuarem nos territórios do leste.

Em Oberlin Finney, tornou-se também socialmente muito ativo. Ele fundou entidades caritativas, bem como uma organização em prol da libertação dos escravos e para a contenção do consumo de álcool. Ele se empenhou por mulheres e crianças, defendia que a instrução sexual deveria acontecer cedo e lutou em prol da abolição de castigos corporais. Ao lado disso, desenvolveu uma rica atividade publicitária.

Finney era avesso a todo e qualquer fatalismo teológico, como ele pensava em reconhecê-lo na doutrina clássica do pecado original. O ser humano é, como criatura moral e racional, capaz de reconhecer a vontade de Deus e também de fazê-la. Ele iniciou a sua teologia sistemática com uma definição da “*moral law*” (lei moral). Mostrava-se, assim, que na América do séc. XIX, o Iluminismo europeu ganhou influência, principalmente na forma da Filosofia do Senso Comum (*Common-Sense Philosophie*) escocesa. Nesse ponto, registram-se contradições teológicas muito profundas em relação à teologia do despertamento na Alemanha. Principalmente os luteranos que faziam parte do Movimento de Despertamento alemão defendiam com ve-

mência a decadência total do ser humano abaixo do pecado, bem como a sua corrupção, os quais faziam com que o ser humano, a partir de sua própria natureza, não fosse capaz de aceitar, a partir do livre arbítrio e por si mesmo, a salvação divina. Segundo Finney, contudo, o ser humano possui, em si mesmo, todas as disposições necessárias para servir plenamente ao seu criador. Ele precisa apenas arrepende-se e fazer uso de suas capacidades naturais de modo a corresponder à vontade de Deus. A antropologia otimista determinava ainda, em Finney, de modo bem intenso, o método de seus eventos evangelísticos. Ele pleiteava por evangelizações que se estendiam por muito tempo em um mesmo lugar e era da opinião que os verdadeiros mantenedores do despertamento deveriam ser, preferencialmente, comunidades confessionalmente mistas. Em suas evangelizações, ele deixava as pessoas que queriam a conversão, sentarem em locais separados, a fim de se dirigir diretamente a eles. Ele queria criar, junto aos seus ouvintes, em primeiro lugar, clareza a respeito do caminho da salvação divino, para então abrir a vontade para a conversão. O processo de conversão deveria ser promovido em todas as formas imagináveis.

A força atrativa exercida por Finney partia fortemente de sua personalidade, que unia, de forma convincente, piedade, racionalidade e força de vontade. Além disso, também o espírito da época lhe foi favorável. Os americanos eram pioneiros que viam com orgulho a sua libertação da tirania britânica. Mas eles olhavam principalmente para frente, nesse caso, para o leste. O imperativo era conquistar aquelas distâncias ilimitadas. Porque, afinal, deveriam ser colocados limites ao pesquisar humano, ao seu querer e ao seu ímpeto de expansão? Nos EUA, um cristianismo do despertamento, que insistia no progresso moral, acabou tomando o lugar de uma teologia calvinista da presciência soberana de Deus.

A figura de Finney evidencia que, devido à Revolução Americana e à declaração da independência de 1776, o Iluminismo adquiriu, nos EUA, um caráter bem diferente do que o da Revolução Francesa. As idéias iluministas acerca dos direitos humanos e dos direitos à liberdade, tais quais tinham sido formuladas por Thomas Jefferson e Benjamin Franklin, tiveram um impacto altamente estimulante sobre aquelas igrejas cristãs. O ateísmo francês não teve, por sua vez, nenhuma chance dentro de uma sociedade americana que se encontrava marcada pelo Puritanismo e pelo Despertamento. Por essa razão, não é de admirar que os adeptos dos Despertamento nos EUA rejeitavam, juntamente com seus amigos europeus, a crítica bíblica racionalista, mas por outro lado estavam, simultaneamente, em questões da vida espiritual e da edificação de comunidades, convencidos do pensar pragmático-otimista

do “*American way of life*” iluminista. Isso vale em relação ao Movimento Evangelical nos EUA, em grande medida, até hoje.

3. O Movimento de Despertamento e a teologia da religião de F. Schleiermacher

Se levarmos em conta o séc. XIX, que é a verdadeira época do Movimento de Despertamento, temos que chamar a atenção para o fato de que, em relação ao embate entre Movimento de Despertamento e Neologia, uma mudança essencial na situação histórico-teológica e relativa à história do pensamento humano precisa ser observada. Embora o Racionalismo frio comemorasse inacreditáveis triunfos nas ciências naturais, na técnica por ele inaugurada e na industrialização, em suas modalidades filosóficas e teológicas ele deixava, contudo, os corações vazios e as perguntas existenciais das pessoas em aberto. Dessa forma, já o iluminista alemão Immanuel Kant (1724-1804) representou, com sua obra filosófica, uma passagem para o Idealismo alemão. Acima de tudo, porém, a era denominada no alemão de “Ära des Sturm und Drang” (Era da tormenta e da pressão) e o Romantismo foram aqueles que fizeram com que o pêndulo do desenvolvimento cultural da Europa se voltasse na direção contrária a do Iluminismo. A crise religiosa do jovem Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (1769-1834), que contra a vontade expressa do seu pai, ligado ao Pietismo de Herrnhut, estudou teologia na faculdade de Halle, que era iluminista, é um exemplo eloquente dessa problemática. Encontramos a resposta de Schleiermacher a essa crise de fé, alguns anos depois, em seus Discursos pioneiros de 1799: “Über die Religion. An die Gebildeten unter ihren Verächtern”. (“Acerca da Religião. Aos letrados entre os que a desprezam”). Schleiermacher conseguiu corresponder com sensibilidade e vivacidade às mais profundas necessidades religiosas de sua época. Como um “oriundo de Herrnhut de uma ordem superior”, ele toca também em temas do Pietismo e do Despertamento. Por outro lado, ele consegue fundir religiosidade e modernidade e corresponder, assim, às exigências de cientificidade feitas à teologia. Contudo, em sua síntese, ele entrega simultaneamente os fundamentos elementares da fé bíblica à crítica iluminista e modifica a confissão da igreja de acordo com o espírito do Romantismo. Alguns adeptos do Despertamento estavam, inicialmente, fascinados, mas não conseguiram acompanhá-lo em seu caminho. Claus Harms, o grande pregador do despertar, da cidade alemã de Kiel, relata ter lido empolgadamente os Discursos de Schleiermacher, duas vezes em sua juventude, para enfim confessar entristecido: “Aquele que gerou a vida espiritual em minha, não tinha, depois, mais pão para mim”.

Ao ser posta diante da concepção simultaneamente genial como fatal de Schleiermacher, resultou para a teologia do Despertamento um desafio novo em uma dimensão até então desconhecida. Como é possível fundamentar uma teologia despertada, espiritualmente viva, sem cair, de um lado, na armadilha do Modernismo e, de outro lado, sem ter que retornar simplesmente à teologia da Ortodoxia? A última opção significaria que a teologia do Despertamento apenas teria reprimado e repetido aquela teologia acadêmica confessional clássica, que os pais pietistas do séc. XVIII tinham combatido tão veementemente.

O Movimento de Despertamento revelou ser missionariamente e diaconalmente muito criativo, estando sob diversos pontos de vista muito adiantado em relação às igrejas territoriais estabelecidas. Também teologicamente ele levava adiante, parcialmente, as concepções bíblicas originais da economia da salvação. Dessa forma, por exemplo, Johann Tobias Beck (1804-1878) interpretou a Bíblia como “livro de vida” (*Lebensbuch*) a partir de sua compreensão “orgânica” da Escritura Sagrada. Em relação à disputa do Movimento de Despertamento com o Racionalismo teológico, do lado da teologia do Movimento de Despertamento permaneceu-se em uma negação apologetica clara e simples diante da Neologia. Praticamente não houve um debate realmente intelectual e uma superação autêntica do Racionalismo teológico.

Visto em seu todo, o Movimento de Avivamento deixou a problemática não resolvida da “teologia moderna” como um déficit incômodo e oneroso para a teologia evangelical do séc. XX. Da mesma forma, por parte do Movimento Evangelical não foi possível, no séc. XX, a introdução de uma mudança teológica real no âmbito da teologia universitária européia. Desse modo resulta, para o Movimento Evangelical do séc. XXI, uma situação difícil, por ser ambivalente. De um lado, irrompem profundos anseios por experiências com a transcendência, em meio à sociedade secular. De outro lado, a herança racionalista do séc. XVIII e do XIX não foi realmente trabalhada a ponto de ser posta em dia ou resolvida. Diante dessa situação se mostra que a teologia do Movimento de Despertamento ainda não trabalhou a simbiose de religiosidade e de racionalidade proposta por Schleiermacher, de forma realmente crítica a partir de suas perspectivas bíblicas. Está claro que, a despeito da significativa relevância do Movimento de Despertamento, ao qual muitas iniciativas e obras missionárias do Movimento Evangelical recorrem com o propósito de construir sobre suas bases, ainda há, no início do séc. XXI, imensos desafios teológicos que precisam ser retomados e resolvidos.

IV. TESES A RESPEITO DA SITUAÇÃO ATUAL DO MOVIMENTO EVANGÉLICO

1. A superação do racionalismo teológico

A crise de fundamentos (*Grundlagenkrise*) do cristianismo europeu, que se desenvolveu a partir do racionalismo teológico, possui suas raízes no Iluminismo europeu e precisa ser atacada e superada, em primeiro lugar, na própria Europa. Existem, sem dúvida, impulsos e experiências importantes que partem das igrejas extremamente vitais do Terceiro Mundo, mas estes praticamente não estão em condições de resolver nossos problemas teológicos. Percebemos, pelo contrário, que essas igrejas se vêem colocadas, devido ao fluxo da modernização civilizatória em seus países, diante de uma série de modernismos teológicos, imaginando com boas razões que nós europeus tenhamos, ao longo dos últimos duzentos anos de história, eventualmente encontrado respostas consistentes a esses problemas.

2. Participação crítica na Modernidade

A cosmovisão científica se impôs, atingindo até mesmo, de forma profunda, o sentimento de vida (*Lebensgefühl*) atual. Também os evangélicos que se entendem como estando na tradição do Pietismo e do Movimento de Despertamento, vivem e pensam no contexto desta cosmovisão científica. Eles participam totalmente na história do sucesso da técnica moderna, da comunicação e da medicina e não querem abdicar de forma alguma das vantagens da Modernidade. Ainda assim, eles se firmam na revelação histórica de Deus a Israel e em Jesus Cristo e confiam na Palavra do Deus triunfo, tal qual ela é encontrada no cânone bíblico. Uma tarefa realmente ainda não resolvida consiste, por essa razão, em relacionar de forma evidente a racionalidade do mundo moderno com a obediência bíblica da fé, seja na contradição ou na recepção, de modo que o ser cristão e o “ser pessoa moderna” possam ser coordenados intelectualmente e existencialmente de forma autêntica – e isso de tal modo, que não se entre em acordos não-bíblicos em questões de conteúdo.

3. Convicção democrática e liberdade religiosa

À Modernidade pertence, de forma inalienável, a dimensão política dos direitos humanos e dos direitos à liberdade. Em relação aos valores “democracia” e “humanidade” vale, certamente, que sob o ponto de vista da história do pensamento humano, eles foram reconhecidos como tais e obtidos mediante recurso à tradição bíblica cristã. Contudo, deve-se acrescentar que,

na Europa, foi principalmente o Iluminismo que se valeu desses valores – lamentavelmente, com frequência, em debate com as igrejas constituídas. Cristãos do mundo ocidental também não querem mais prescindir desses progressos, mas os aceitam e os defendem. O Movimento de Despertamento estava, e por boas razões, profundamente chocado com o ímpeto ateu e com as implicações desumanizantes da Revolução Francesa. Uma consequência de peso reside, inicialmente, no fato de esses cristãos rejeitarem, de início, toda a força emancipatória e humanizadora do “projeto da Modernidade”. Por essa razão, segmentos significativos da cristandade pietista do Despertamento – principalmente na Alemanha – receberam-se um estrito conservadorismo político, contrário a todos empenhos revolucionários e liberais. Essa opção fez com que, em grande medida, ficassem cegos diante do Nacionalismo com suas exigências fachistas. Este dado se deixa comprovar, sem maiores dificuldades, a partir de documentos históricos, o que representa uma hipoteca pesada sobre o Movimento Evangélico da Alemanha. Com a posição de avanço dos EUA, aquela sua cultura política que estava relacionada com as tradições cristãs iluministas supracitadas já tem se imposto em grande parte do mundo ocidental. As muitas ocorrências na história eclesial da Europa e da América do Norte estão relacionadas essencialmente com as diferenças entre a Revolução Francesa ateu e anticlerical e a Revolução Americana que teve como implicação as igrejas livres. Pois a Revolução Americana queria separar estado e igreja de forma consciente, a fim de assegurar liberdade religiosa para todos os cidadãos. A geração atual de evangélicos faz bem se ela tenta compreender o contexto político-cultural da Revolução Americana e refletir suas implicações teológicas e eclesiais.

4. A exclusividade de Jesus Cristo diante do pluralismo religioso

O contexto de globalização, de urbanização e de pluralismo religioso do séc. XXI traz consigo novos desafios. O conhecimento imediato de outras culturas na sociedade moderna da comunicação, bem como a crescente mistura populacional em razão da mobilidade e da migração, coloca-nos teologicamente diante da tarefa de perguntar pela exclusividade de Cristo. No encontro com outras cosmovisões e religiões, os cristãos precisam saber unir tolerância política de um lado, e a clareza da reivindicação bíblica acerca da verdade, de outro lado, e isso de forma idônea e convincente no pensamento, na pregação e na vida prática. O encontro direto, tanto com os contemporâneos seculares quanto com os representantes de outras religiões, mostra a necessidade de os cristãos terem raízes profundas na fé bíblica. Apenas assim o Movimento Evangélico se tornará capaz de fazer missão, de forma convin-

cente, numa sociedade livre e plural.

5. Hermenêutica responsável na interpretação de textos apocalípticos

O Pietismo, o Movimento de Avivamento e o Evangelicalismo conservaram vivas, na teologia e na igreja, a esperança apocalíptica do fim dos tempos e da parusia. Isso é indiscutivelmente um alto mérito teológico perante todo o Protestantismo Cultural (*Kulturprotestantismus*) iluminista. Entretanto, todos os cálculos apocalípticos, a começar por Bengel e indo até o presente, tiveram conseqüências funestas. Também as identificações concretas de determinados acontecimentos históricos com textos proféticos específicos se mostram até hoje como insustentáveis, por não apresentarem consistência e nem exatidão histórica. Faz-se necessário extrair as implicações dessas experiências errôneas e dolorosas, primando por uma hermenêutica consistente para a escatologia. Como tal esperança poderia se apresentar, tentamos mostrar em nosso livro “Worauf können wir hoffen?” (“No que podemos esperar?”), ao menos em forma de esboços.¹⁹

6. Espiritualidade com perfil bíblico em uma sociedade neoreligiosa

A Pós-modernidade multi-religiosa tanto desmitologizou quanto remitificou a Modernidade racionalista e iluminista com sua crítica à religião. Ela a desmitologizou pelo fato de que, entretantes, todas as promessas de salvação do Iluminismo relativas à paz eterna e ao necessário progresso da história não foram cumpridas dessa forma. Os antigos iluministas e revolucionários haviam sonhado um futuro mundial bem diferente. E a Pós-modernidade remitificou a crítica à religião racionalista encontrada na Modernidade pelo fato de o ser humano moderno ter se revelado como “incuravelmente religioso”, de forma que a religiosidade tenha retornado com uma variedade inimaginável, não raramente até em forma de uma superstição altamente primitiva. Mística e meditação, mas também esoterismo e ocultismo estão hoje em alta. Sob o ponto de vista teológico, experimentamos, na virada do séc. XX para o séc. XXI, uma renascença da teologia de Schleiermacher com diferentes combinações e facetas. Os evangelicais têm a tarefa de enfrentar essa situação a partir de sua herança pietista e do despertar, reafirmando diante dela uma doutrina bíblica sóbria e, simultaneamente, a diversidade de formas da vida espiritual. Uma tarefa decisiva em relação ao futuro será a de conseguir desenvolver vida espiritual sobre o

fundamento da doutrina bíblica para a sociedade pós-moderna de hoje, que se encontra repleta de anseios religiosos. Trata-se de apresentar aos contemporâneos, modelos de vivência da fé de modo atrativo e transparente. É preciso tentar alcançar o contemporâneo sedento de religiosidade e lhe oferecer a espiritualidade de que necessita, sem abrir mão da autenticidade histórica e da exclusividade da reivindicação de verdade do cristianismo.

7. Despertamento no contexto da sociedade pós-moderna

Sem dúvida, existem hoje, na Europa, iniciativas de despertar em pessoas, individualmente e em pequenos grupos. Contudo, as condições para o despertar em uma sociedade pós-cristã são diferentes das do séc. XIX. Naquele período, existiam igrejas constituídas (*Volkskirchen*) como forças que determinavam a cultura e marcavam a moralidade pública, que repousava sobre convicções cristãs. Conhecimentos bíblicos básicos, bem como uma consciência impregnada pelo decálogo e uma série de costumes eclesiais ainda determinavam a vida da maioria das pessoas naquele período. Muitos iam por tradição à igreja, sendo que então, ao ser pregada a Palavra de Deus, de modo poderoso e evangelístico, essas pessoas eram atraídas para dentro do campo de força espiritual do Despertamento. A “fé de cabeça” tornava-se, então, prática, manifestando-se na forma de viver o discipulado e a vida espiritual. Hoje, no início do séc. XXI, a grande maioria da população está tão distante do evangelho, que a pregação da igreja cristã precisa superar pré-conceitos e dificuldades imensas para alcançar as pessoas com uma linguagem adequada à época, e formas de culto e de evangelização adequadas às culturas. Já o caminho para o tornar-se cristão exige hoje, por isso, esforços catequéticos mais intensos e numerosos. Até que a pessoa pós-moderna, que está acostumada a desempenhar diversos papéis sociais e dentro de vários modelos de visão de mundo, aprende a pensar biblicamente e a estar enraizada também em uma ética cristã, fazem-se necessários, por parte da igreja, intensos esforços no trabalho pedagógico e de aconselhamento pastoral.

No âmbito das evangelizações da atualidade, a doutrina teológica saudável adquire uma relevância crescente. Sem tal instrução doutrinária corre-se perigo de que o empenho e as irrupções missionárias se mostrem como sendo por demais superficiais e não muito produtivos. Despertamento continua sendo um dos desafios centrais do Movimento Evangelical, mas ele terá que encontrar no séc. XXI uma forma diferente daquela do séc. XIX.

¹⁹ Cf. ROLF HILLE (Ed.). *Worauf können wir hoffen? Die Zukunft der Welt und die Verheissung des Reiches Gottes*. Wuppertal: Brockhaus Verlag 1999, especialmente p. 245-253.